

ESPORTE, COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

COMUNITÁRIO: Caso da web rádio Palafita,

Dique da Vila Gilda, Santos – SP¹

Erica Pardim Camanducci²

Maria da Conceição Golobovante³

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Resumo

Este artigo busca relacionar esporte, periferia, ONGs e comunicação comunitária, dissertando sobre os desafios de traduzir para a programação da web rádio Palafita – comunidade do Dique da Vila Gilda em Santos -SP, os temas e conteúdos que sejam do interesse daquela comunidade, a ponto de que a rádio possa de fato ser considerada uma iniciativa contra-hegemônica em comunicação. Para tanto, partiu-se de metodologia participativa e dialógica com os moradores para enfatizar a versão deles dos esportes ali praticados, consumidos e divulgados. Sobre o referencial teórico, aborda-se conceitualmente temas como ecologia das mídias, consumo e comunicação comunitários, além de linguagem radiofônica, pois trata-se de um artigo que contempla parcialmente os resultados de pesquisa de Iniciação Científica em fase de conclusão que está ligada ao projeto maior de pesquisa e extensão “A potência contra-hegemônica da comunicação comunitária”, do grupo Mediações Telemáticas da PUC-SP.

Palavras-chave: Esporte; comunicação; rádio comunitária; comunidade; mídia

Este artículo busca relacionar deporte, periferia, ONGs y comunicación comunitaria, discutiendo los desafíos de traducir para el programa radial Palafita web - comunidad Dique da Vila Gilda en Santos -SP, los temas y contenidos que interesan a la comunidad, para señalar que un La radio puede ser considerada del destino como una iniciativa contrahegemónica en la comunicación. Por tanto, partimos de una metodología participativa y dialógica como vecinos para enfatizar la versión de los dos deportes que se practican, consumen y difunden. En cuanto al marco teórico, aborda temas como la ecología de los medios, el consumo y la comunicación comunitaria, el lenguaje radiofónico, ya que es un artículo que contempla parcialmente los resultados de la investigación de Iniciación Científica en su fase final vinculada a un gran proyecto de investigación y extensión. “Potencial contrahegemónico para la comunicación comunitaria”, del grupo Mediações Telemáticas de la PUC-SP.

Palabras clave: Deporte; Comunicación; Radio Comunitaria; Comunidad; Midia.

1 Trabalho apresentado no 3º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado no dia 10 de outubro de 2018.

2 Graduanda do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Integrante do grupo de pesquisa e de extensão Mediações Telemáticas – MEDIATEL. E-mail: erica_camanducci@hotmail.com

3 Profa. Dra. em Comunicação e professora da PUC-SP, onde coordena o grupo de grupo de pesquisa e de extensão Mediações Telemáticas – MEDIATEL. E-mail: mccgol@pucsp.br.

Introdução

Para a realização deste artigo, que é resultado teórico e prático ligado ao projeto principal de pesquisa e extensão “A potência contra-hegemônica da comunicação comunitária: caso da web rádio Palafita, Dique da Vila Gilda, Santos SP”, partiu-se da ideia da importância da “escuta” como procedimento fundamental e princípio ético norteador de todo processo. Escutar os moradores do Dique e propor uma metodologia dialógica que pudesse gerar a participação deles na programação inicial da web rádio Palafita. Nas cinco visitas feitas a comunidade buscamos deixar nossas concepções em segundo plano e demos a palavra aos moradores, pois o projeto visa atender a um ambiente de vulnerabilidade social e ambiental que exige um conhecimento menos especializado e mais sensível. Mais importante do que aprender sobre a comunidade através dos estudos teóricos prévios, era preciso percebê-la através dos olhos dos moradores: entender seus costumes, compreender seus ambientes, saber o que eles consomem de conteúdo e como o mesmo chega até eles e, acima de tudo, nos adaptarmos aos seus códigos e suas linguagens.

O método em questão foi baseado em seis dimensões: 1) meta, 2) motivação, 3) ecossistema, 4) cronologia, 5) jogadores, e 6) procedimento. Chamamos a todas as pessoas entrevistadas ou com quem convivemos, que foram envolvidas no processo comunicacional e ajudaram a traçar o perfil da cronologia e do ecossistema local, de jogadores. Estes foram, ainda, divididos em três categorias: oficiais, não oficiais e oscilantes. Como oficiais identificamos os “funcionários” da ONG, assim como seus frequentadores regulares. Ambos ajudarão diretamente no processo comunicacional da rádio. Os não oficiais, todos aqueles que disputam espaço com a ONG e os que não acreditam no trabalho dela, como o pessoal do tráfico, pessoas de outras organizações, etc. E os oscilantes, perfil onde se enquadra a maior parte dos moradores. Levamos esse método também para o âmbito esportivo, onde identificamos as categorias onde se enquadram professores, jogadores de futebol, técnicos, diretores dos clubes, torcedores, etc. Sabendo assim, a maneira de abordar cada um deles e como e quando utilizar seus respectivos depoimentos da melhor forma.

Enfim, para agir precisamos dispor de tecnologias, ferramentas e conhecimentos prévios. Nós já temos um espaço para atuação da web rádio Palafita no Instituto Arte no

Dique, em Santos. Na PUC-SP contamos com o privilégio de um estúdio de rádio que vem nos fornecendo total apoio e capacitação. Além de toda bibliografia, que vem sendo fundamental para um referencial teórico que precisamos. As pesquisas de campo nos ajudaram a saber com que tipo de público vamos lidar e, a partir daí, podemos selecionar a melhor forma de nos comunicarmos com eles, de maneira com que possam se identificar com a linguagem usada, criando um elo entre os interlocutores.

Esporte, Ongs e Periferias

O esporte é uma das manifestações culturais mais importantes da humanidade, indispensável na formação do ser humano e um sinônimo de cidadania. Segundo Barbanti (2011), pode ser definido “como uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas”. De acordo com Manoel Tubino, no Brasil, “a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro (1985), sugeriu diferenciar o conceito de esporte em três manifestações: a) desporto-performance; b) desporto-participação e c) desporto-educação”, pois, segundo essa proposta, o esporte vai além da competição e pode, simplesmente, ser praticado enquanto atividade de lazer ou no âmbito da instituição educacional. Em 1988, a Constituição Federal incorporou essas diferenciações em seu texto.

Não há como cravar uma data exata para o surgimento do esporte na sociedade, mas desde sempre já era possível identificar algumas atividades físicas semelhantes aos "esportes modernos" como corrida, luta, salto, lançamento de objetos, arco e flecha e natação. Essas atividades estão presentes em vários períodos e regiões da Antiguidade, como o Egito, China e Roma. Mas somente na Grécia Antiga, com os Jogos Olímpicos, que o esporte ganha um papel de destaque. Os Jogos Gregos marcaram o conceito inicial dos esportes, evidenciando os jogos e a competição como forma de manter a saúde, treinar para guerras e adquirir beleza e status social, além de fazerem parte das cerimônias religiosas da época. "O

esporte é de certa forma uma "racionalização do romântico", um misto de raízes arcaicas e míticas e regulação racional moderna". (GUTTMANN, 1979 apud BRACHT, 2005, p. 14).

O contato com o esporte deve ser mantido em todas as fases da vida, mas na infância ele é imprescindível. Do ponto de vista de saúde pública e medicina preventiva, promover a atividade física na infância e na adolescência significa estabelecer uma base sólida para a redução da prevalência do sedentarismo na idade adulta, contribuindo desta forma para uma melhor qualidade de vida⁴. Segundo o preparador físico Aulus Sellmer "os esportes podem ajudar na coordenação, evitar lesões e ainda colaborar no aspecto social durante esta fase". Uma criança em contato com o esporte tem uma vida social muito melhor, pois ela faz mais amigos, aprende a seguir regras, supera timidez, impulsos ou ansiedade e se torna uma pessoa mais responsável.

Em contrapartida, esses benefícios não alcançam todos os lugares necessários. O direito ao desporto é um direito constitucional, estando previsto na seção III, atg. 217. No Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Sua aplicação na educação está regulamentada pela Lei n° 6.503/77 e pela Lei n° 9.394/96 – estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. No entanto, são casos isolados os de comunidades onde há o mínimo suporte à prática esportiva. Sem recursos, crianças e adolescentes passam a maior parte do tempo nas ruas, ficando expostas ao mundo da criminalidade. E é a partir daí que as Organizações Não Governamentais, as chamadas Ongs, vêm adquirindo cada vez mais espaço e importância nas comunidades. São essas instituições que, em lugares negligenciados pelo poder público, tentam levar para os moradores o acesso aos seus direitos básicos; usam o esporte como instrumento de inclusão social; tiram milhares de crianças e adolescentes do crime e das drogas, dando-lhes uma segunda chance mostrando que é possível lutar por uma vida melhor através do

4 1Atividade Física e Saúde na Infância e adolescência. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, p.1, 26 jun. 2017

esporte, da música, da dança e da arte.

É importante ressaltar que aqui não vamos tratar as periferias como locais associados diretamente à pobreza e a violência.

“(…) a definição de periferia não deve ser construída em torno do que ela não possuiria em relação (...) a um centro hegemônico. Ela deve ser reconhecida pelo conjunto de práticas cotidianas que materializam uma organização genuína do tecido social com suas potências inventivas, formas diferenciadas de ocupação do espaço e arranjos comunicativos contra-hegemônicos e próprios de cada território” (CABRAL, 2017).

Neste sentido, compreendemos que “as comunidades de bairro representam um lugar de elaboração de insatisfação, desejos e busca de comunicação com o poder público” (CANCLINI, 2008apud. CHAO; DANTAS; LEMOS, 2009) “A construção de uma fronteira entre o familiar, o “de dentro”, e o estranho, “o de fora”, é a essência que fundamenta uma comunidade” (CASTRO; MAIA, 2006).

Em relação ao conceito de hegemonia, o filósofo e militante Antonio Gramsci denominou como o domínio, consentido, de uma classe social sobre outras. Hoje, a contra-hegemonia é uma construção utilizada por algumas Ongs no combate a esse domínio que chega a população, principalmente, pelos veículos de comunicação de massa.

A web rádio comunitária

Em tempos em que os veículos de comunicação de massa induzem um comportamento congênere da população, as rádios comunitárias têm um papel cada vez mais importante dentro das comunidades. “No momento em que a globalização passa a desterritorializar cultura e política, transformando o que é local em global (e vice-versa), faz-se necessária uma mídia que busque um enfoque regional dos temas abordados” (ALMEIDA; SILVA, 2010).

“As rádios comunitárias...nasceram a partir das rádios livres com a missão de servir como canal de prestação de serviços às comunidades locais: a finalidade dessas rádios livres foi substituída por práticas diferenciadas que, muitas vezes, contribuem para o desenvolvimento de uma determinada comunidade. Elas iniciam quando a conquista do canal comunitário reflete na programação da emissora na busca de atender às necessidades da população e incentivar o trabalho comunitário na melhoria da qualidade de vida na região” (SILVA, 2010, p.16).

A legislação de radiodifusão brasileira é regulada pela ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações), entidade que fiscaliza e faz com que a lei seja cumprida. A radiodifusão é um espaço público e limitado, cedido através de concessões para que sejam prestados serviços à população. Assinada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, em 19 de fevereiro de 1998, a Lei 9.612/98 diz que Rádio Comunitária é um tipo especial de emissora de rádio FM, de alcance limitado a, no máximo, 2 km a partir de sua antena transmissora e com potência de transmissão irradiada máxima de 25 watts.

O Ministério das Comunicações adverte que a programação diária de uma rádio comunitária deve conter informações, lazer, manifestações culturais, artísticas, folclóricas e tudo aquilo que possa contribuir para o desenvolvimento da comunidade, sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político partidárias e condições sociais. E ainda proíbe, veementemente, a inserção de propaganda comercial, a não ser sob forma de apoio cultural, de estabelecimentos localizados na sua área de cobertura.

A rádio comunitária pode ser vista como um estímulo às ações cidadãs. Peruzzo (2007) destaca a importância dessa “comunicação libertadora”,

pois ela transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. A emissora radiofônica comunitária permite ainda a participação ativa e autônoma das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e na gestão da emissora (PERUZZO, 2007, p.1).

Fazer ligações entre comunicação e cidadania é natural, “uma vez que o próprio significado etimológico do termo comunicação é tornar comum, estabelecer comunhão, participar da comunidade, conceito muito próximo à noção básica de cidadania” (TEMER; TONDATO, 2009).

É nesse papel de extrema importância da rádio comunitária que entra o Instituto Arte no Dique. A organização desenvolve um trabalho sociocultural com a população do Dique da Vila Gilda na Zona Noroeste de Santos há mais de 15 anos. E tem como missão “oferecer oportunidade de transformação e desenvolvimento humano e social a crianças, adolescentes, jovens e adultos através da participação da comunidade em ações educativas, de geração de renda, meio ambiente e valorização da cultura popular da região”.

Em novembro de 2002, o projeto foi lançado em parceria com o Instituto Elos Brasil, Grupo Cultural Olodum da Bahia e grupo de moradores do Dique, conquistando a partir de então, o apoio de vários setores da sociedade como a Prefeitura Municipal de Santos, a COHAB, o Ministério da Cultura, o Santos Futebol Clube, SESC, SESI, ONG's e empresas do setor portuário de Santos. Atualmente, a instituição oferece oficinas de percussão, dança, teatro, customização, costura e inclusão digital, atendendo mais de 600 pessoas da região.

No âmbito esportivo, o instituto possui um professor, Bruno Monteiro, de educação física que dá aulas duas vezes por semana e, através de um convênio com a prefeitura de Santos, também disponibiliza aulas de taekwondo e capoeira. Instrutor da arte marcial há um ano no Dique, Wilson Santos Júnior conta como as crianças levam o aprendizado a sério e que muitos deles estão lá com o “sonho de se tornar um atleta profissional” e que o esporte “é uma forma que eles têm de conhecer outros lugares”, isso, porque durante o período de treinamento os alunos viajam para várias partes do Brasil e do mundo para competir, oportunidade única na vida da grande maioria. Wilson, que também cresceu em contato direto com instituições, hoje, aos 24 anos, exibe com orgulho o título de faixa preta 2º Dan e dezenas de medalhas e troféus conquistados ao longo dos seus 21 anos de carreira.

Apesar do forte incentivo do Arte no Dique para que a população tenha acesso a outros esportes, é indiscutível a preferência e a paixão pelo futebol. O professor de capoeira Fernando Eduardo Moraes de Oliveira, mais conhecido como Mestre Nando, conta que muitas crianças vão às aulas de outras modalidades por ordem dos pais, que vêm no Instituto um lugar para deixarem seus filhos, “como se fosse uma creche”. Muitas vezes “cria-se um conflito de um aluno não corresponder a uma atividade porque está ali obrigado pelo pai”, diz Nando. Fato é, que o Arte no Dique faz parte e é imprescindível na vida de muitos moradores da região.

Além disso, o Instituto será o espaço de atuação da futura web rádio Palafita. Bem localizado e já contando com uma boa aceitação da comunidade, o Arte no Dique será fundamental para a credibilidade desse novo canal de comunicação. A rádio também virá para elevar a motivação das pessoas em relação a presença e a importância da ONG ali, os moradores precisam deixar de vê-la apenas como um ambiente onde eles deixam seus filhos, ou um lugar que promove eventos. Precisam participar ativamente e enxergar tanto na ONG quanto na Palafita um instrumento para lutarem por aquilo que acreditam e para desenvolverem o espaço onde vivem, tendo um canal e uma linguagem que os represente, feita por eles e falando para eles. Pois se de um lado temos o maior porto da América Latina. Do outro, se encontra a maior favela de palafitas do país: o Dique da Vila Gilda. Com mais de 10 mil moradores, a pobreza evidenciada nos barracos de madeira fincados às margens do rio Bugre, contrasta com a riqueza movimentada pelos navios que entram e saem do complexo portuário.

No Dique, não há saneamento básico e a ação do homem vem comprometendo cada vez mais o meio ambiente da região. As áreas de mangues vêm sendo devastadas para novas construções e o crescimento desordenado do bairro faz com que os seus limites territoriais sejam confusos até mesmo para a população que o habita. Através da pesquisa de campo, podemos identificar visões distintas sobre sua área geográfica.

Entre ruas tortuosas e casas aglomeradas encontramos a maioria dos

campos de futebol, que vão intercalando entre terra, grama sintética, gramado natural e concreto. Muitos são improvisados na hora, chinelos formam as traves e pedras demarcam as dimensões do campo, outros tem uma boa estrutura, carregam grandes histórias e são pontos de referência na região, como a Sociedade Esportiva Cantareira que atende crianças entre 6 e 11 anos de idade e ainda cede espaço para eventos esportivos e jogos beneficentes realizados por jogadores profissionais nos finais de ano. Alguns moradores dizem que o amplo terreno onde a sede do clube é localizada pertencia a Pelé nos anos 70. O espaço foi doado à prefeitura para construção de habitações populares e acabou batizado como Vila Pelé.

A Copa Camelo é um dos maiores torneios locais, da qual participam times de Santos e São Vicente. As finais desses campeonatos de futebol de várzea são as atrações mais esperadas do ano e reúnem grande parte das comunidades envolvidas. Em conversas informais com alguns torcedores da organizada “Alcoolizada”, do time Última Ponte de Santos, um dos mais populares da região, eles contam orgulhosos que em dias de jogos decisivos são alugados vários ônibus e famílias inteiras deixam suas casas para passar o dia acompanhando seu time do coração.

A esmagadora maioria das crianças de comunidades, principalmente meninos, crescem com o sonho de se tornarem jogadores de futebol. Isso acontece porque desde pequenos eles vivem uma realidade na qual a educação não é o principal caminho para um futuro melhor, os que não recorrem ao mundo do crime ou ao tráfico de drogas, encontram no esporte, em especial no futebol, uma forma para crescer na vida.

Durante uma conversa com um grupo de crianças do Arte no Dique, que variavam entre nove e doze anos, eles contaram diversas histórias sobre seus parentes, e na maioria delas, pessoas foram mortas, estavam presas ou sendo procuradas pela polícia. Quando perguntadas sobre o que gostariam de ser quando crescerem, a resposta veio em uníssono: “jogador de futebol”. Quando perguntadas sobre o que elas mais gostam de fazer quando não estão no Arte no Dique e na

escola mais uma vez em uníssono, eles responderam: “jogar futebol”. No tempo que assistimos às aulas no Dique, foi impossível não perceber que essas crianças são o retrato do lugar onde vivem, são agressivas umas com as outras, não têm opiniões formadas sobre praticamente nada e, muitas das vezes, prezam o individualismo. Mas ainda assim, são crianças. Crianças que não tiveram escolha de uma realidade diferente da que vivem, mas que hoje, felizmente, estão tendo oportunidades melhores do que seus pais tiveram, por exemplo. Essa aproximação com os moradores da região só foi possível porque a metodologia utilizada neste artigo me forneceu os subsídios necessários. O estudo prévio do ecossistema, que envolve todo contexto social, e da cronologia, que é voltada para ao histórico da construção da comunidade, nos preparou para as visitas e, justamente, para o contato com a população.

A informação que vem da mídia

Se o objetivo central deste artigo é refletir e experimentar as possibilidades e limites da comunicação voltada para iniciativas cidadãs, assim como a implantação de uma rádio comunitária, era preciso entender o objeto de estudo: a comunidade. O que os moradores escutam e vêem, como essas informações chegam até eles e qual é a reação dos mesmos a ela.

Sabemos que a “comunicação essencial é indispensável à sobrevivência biológica, social e cultural, e que a falta dela pode levar o indivíduo ao enclausuramento, a um deslocamento dos estímulos do mundo” (JÚNIOR, 2005). Os únicos tipos de informação que os moradores do Dique da Vila Gilda possuem são os que vêm do tautismo disseminado pelos veículos midiáticos hegemônicos, onde a produção do discurso é centrada nas próprias contingências do emissor, de tal maneira que o público se torna acessório dispensável e incômodo num arremedo de processo comunicativo. O que corresponde a um “processo de dessubjetivação no qual o indivíduo passa a ser uma engrenagem, um componente de um sistema”

(LAZZARATO, 2014). De acordo com Paulo Freire, “um diálogo autêntico só acontece quando os intervenientes do processo estão em igualdade, é preciso ter respeito pelo interlocutor e um favorecimento da participação e interação da comunidade, em uma concepção democrática”. Situação até mesmo utópica levando em consideração a realidade das comunidades brasileiras.

Andando entre as palafitas podemos ouvir os mais diferenciados sons reproduzidos por televisões, rádios e celulares. Entretanto, não há nenhum tipo de conteúdo que os represente de verdade. E essas pessoas também não vão atrás de outra fonte de informação que não esteja ao alcance do controle remoto da televisão ou do teclado do seu *smartfone* e que fuja do que estejam habituados. “Se o Jornal Nacional está dizendo, então é verdade”, essa é máxima adotada pela grande maioria da população.

Evidentemente, os espaços para a comunicação não foram suprimidos, até porque a comunicação é essencial para a vida social. No entanto, a força da mídia penetra nesses espaços, altera a sua dinâmica e fragiliza seus efeitos. No conflito entre o conceito de cidadania como acesso à boa vida e acesso aos direitos em todos os níveis, em virtude modelo de comunicação imposto pela mídia, a própria representação do indivíduo, do cidadão, se perde, e impõe-se um processo que também destrói gradualmente a própria percepção de cidadania (TEMER; TONDATO, 2009).

Para compreender essas crises sociais, ambientais e éticas pelas quais passam a comunidade do Dique da Vila Gilda, a linguagem da web rádio Palafita virá para viabilizar oportunidades de participação e inclusão de todos no debate público. Como diz Sérgio Pinheiro da Silva, “sem comunicação não há relações, sem relações e comunicação não há vida em sociedade, logo, também não há comunidade”.

O diálogo é o lugar desse encontro e a palavra atravessa (no sentido grego do dia-, “atravessar”, do termo diálogo), perpassa a relação. Diálogos é, assim, uma relação entre pessoas, algo que perpassa, que as atravessa, que está entre que está no meio. Assim também acontece com o amor, diz ele, que não é algo possuído pelo Eu como se fosse um sentimento, mas algo que acontece, que está além do Eu e do Tu, que ocorre no campo do “entre” nós. No diálogo, realizamos uma espécie de imersão, as pessoas interagem como se se atirassem nas águas e nadassem (MARCONDES FILHO, 2009:48 apud SILVA, 2010).

A tradução disso se dá no programa radiofônico que está em fase de produção e se chamará: Dique Esporte Clube. Todo conteúdo feito até agora está baseado no diálogo, na relação que pudemos estabelecer com os moradores. Há a introdução do tema por um narrador, no caso, eu, e deixo para eles o papel de personagem principal. Durante as visitas a Santos foram coletadas dezenas de sonoras, e, agora, elas são a base de toda programação do Dique Esporte Clube. Quero que os moradores se escutem, se reconheçam e que saibam que tudo o que está sendo feito para a web rádio Palafita foi feito com eles e para eles. Esse foi o principal conceito adotado.

Os primeiros programetes produzidos abordam a origem do esporte, a chegada do futebol de várzea ao Brasil e a história do Última Ponte, clube de coração da comunidade do Dique da Vila Gilda. A ideia, a princípio é que, através desses temas, os conteúdos abordem o que eles mais gostam, para atrair ouvintes nessa fase inicial da web rádio, e, ao mesmo tempo, levar de maneira dinâmica alguns dados e informações que, ao que se percebe, não são muito claros para a população.

Todo conteúdo é uma mescla entre teoria e o conhecimento dos próprios moradores. Nesses programetes eles contam suas histórias, suas vivências e o que sabem sobre esporte. Todos participam, desde os professores, que são referência dentro da comunidade, até as crianças que jogam bola em frente ao instituto, por exemplo. A linguagem é leve, divertida e busca se aproximar, ao máximo, dos moradores, pois um conteúdo só é efetivamente funcional quando visto,

principalmente, como meio de construção identitária.

Referências Bibliográficas

- BARBANTI, V. **Dicionário de educação física e esporte**. 3. ed. São Paulo: Editora Manole, 2011.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CABRAL, M. **Trutas e quebradas**. Página 22: Periferias. Onde se vê escassez, sobram potencialidades, São Paulo, n. 107, jun/jul. 2017.
- CASTRO, S. P. C. M., MAIA, R. **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- CHAO, C. H. N., DANTAS, E. R., e LEMOS E. M. B. C., orgs. **De portas abertas para o lazer: a cultura lúdica nas comunidades de bairro**. Campina Grande: EDUEPB, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GRAMSCI, A. **La costruzione del Partito Comunista, 1923-1926**, Turim, Einaudi, 1971 apud SEMERARO, G. **Gramsci e a Sociedade Civil**, Petrópolis: Editora Vozes, p. 22-23, 1999.
- GRAMSCI, A. **Escritos Políticos (1921-1926)**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.2, 2004.
- JOSÉ, L. C., SERGL, J. M. **Voz e roteiros radiofônicos**. São Paulo: Paulus, 2016.
- JÚNIOR, B. N. et al. **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.
- LAZZARATO, M. **Signos, máquinas e subjetividades**, São Paulo: Edições N-1, 2014.
- MORAES, D. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debate, Porto Alegre, v.4, n.1, jan/jun. 2010.
- PERUZZO, Cícilia M. Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil**. IN: **Revista Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho 2010 13 Umesp, a. 26, n. 43, p.67-84, 1o. sem.
- SILVA, P. S. **Rádio comunitária: os desafios do ambiente educativo da rádio Heliópolis FM**. 2010. 204 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São

Paulo.

TUBINO, M. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: UEM, 2010.

Referências Eletrônicas

ANATEL. Radiodifusão comunitária. Disponível em:

<<http://www.anatel.gov.br/institucional/ultimas-noticiass/1595-anatel-esclareceatuacao-da-agencia-em-relacao-as-radios-comunitarias-e-orienta-entidades-2>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

ALMEIDA, R. D. T., SILVA, C. L. O papel da rádio comunitária na formação das identidades culturais na juventude. Disponível

em:<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nord_este2010/resumos/R230902-1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

BARBANTI, V. O que é esporte? Disponível em:<<https://pt.scribd.com/doc/50725198/O-QUE-E-ESPORTE-Valter-Barbanti>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível

em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 19 jul. 2017.

DIÁRIO DO LITORAL. Raio-X DL: Do porto à maior favela em palafitas. Disponível em: <<http://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/raio-x-dl-do-maiorporto-a-maior-favela-em-palafitas/59952/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

INSTITUTO ARTE NO DIQUE. Disponível em: <<https://www.artenodique.org/>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

MATTOS, E. A história do esporte. Disponível em:

<<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAewyoAK/historia-esporte>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES. Espaço do radiodifusor: radiodifusão comunitária. Disponível em:

<http://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/comunicacao/SERAD/radiofusao/detalhe_tema/radiodifusao_comunitaria.html>. Acesso em: 13 abr. 2017.

NETO, S. V. R. **História do esporte na antiguidade**. Disponível em:

<<http://profraulvsneto.blogspot.com.br/2012/04/historia-do-esporte-naantiguidade.html>>.

Acesso em: 14 abr. 2017.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL. **Constituição da república federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 19 jul. 2017.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL. **Estatuto da criança e do adolescente**.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 19 jul. 2017.

SAULO, H. **O esporte sob o olhar sociológico**. Disponível em:

<http://www.espacoacademico.com.br/057/57res_henrique.htm>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SCIELO. **Revista brasileira de medicina do esporte: atividade física e saúde na infância e adolescência**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86921998000400002>.

Acesso em 11 mar. 2017.

TEMER, A.C.R.P.; TONDATO, M.P. **Mídia e cidadania: uma relação na perspectiva**

histórica. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/6555/4808>>.

Acesso em: 19 ago. 2017.

TERRA OCA FILMES. **Caranguejo do mangue**:

<<https://www.terraocafilmes.com.br/caranguejo-do-mangue>>. Acesso em: 24 jan. 2018.